O VERDE-OLIVA

Centro de Comunicação Social do Exército Brasília, agosto 1985 Ano XIII Nº 113

HISTÓRIAS BRASILEIRAS DA IBM

Você já sabe que o computador mundial IBM é feito por brasileiros.
E as suas peças, você sabe de onde vêm?
De Americana, Betim, Curitiba, Gravataí, Itajubá, Jandira, Joinville, Mogi das Cruzes, Paraíba do Sul, Porto Ferreira, Pouso Alegre, Salto, Santa Bárbara do Oeste, Santo André, São Bernardo, Diadema, São Paulo, Valinhos, Vinhedo, além dos lugares citados no título abaixo. Todos brasileiríssimos, não?

As pesquisas da IBM Brasil junto a centenas de fornecedores brasileiros resultaram nisso: substituição de importação de peças do exterior.*

E o melhor é que essa tecnologia é reconhecida por mais de 60 países que compram o computador mundial IBM feito por brasileiros. Divisas para o País.

E, melhor ainda, é que essa tecnologia fica à disposição da indústria nacional de informática, em Caxias do Sul, Araucária, Indaiatuba, Nova Friburgo e por aí afora.

IBM

IBM Brasil

Para fazer o computador mundial, a IBM Brasil importa peças de Caxias do Sul, Araucária, Indaiatuba, Nova Friburgo e por aí afora.

* Só em 1982, a IBM Brasil comprou de fornecedores brasileiros o equivalente a US$ 40 milhões.

Editorial

"...nossa missão essencial, precípua e prioritária — acentuo este aspecto — é estarmos em adequadas condições para defesa da Pátria."

"O ofício das armas com suas servidões e grandezas, requer dos militares manifestações permanentes de vocação, de valor profissional e de patriotismo."

"Em suma: a profissionalização deve ser constantemente perseguida. Nossas missões e responsabilidades — tenho convicção acabada sobre o tema — são por demais complexas e difíceis para não serem exercidas por profissionais exemplares."

Do ideário da Força, contido nas palavras de posse do Ministro do Exército, e dos exemplos de nossos cultuados antepassados, extraímos a nossa verdade: somos, **temos que ser,** acima de tudo, profissionais.

A vida da caserna, apaixonante por seu propósitos, dignificante por sua destinação e sagrada por seus objetivos, transforma-nos em verdadeiros sacerdotes.

Clérigos de um dever maior a cumprir. E a bem cumprir.

Apóstolos da competência, do desprendimento, do zêlo e do conhecimento, da maneira a mais profunda, dos segredos e misteres da profissão.

Cultores da verdade.

Arautos do exemplo, em toda sua plenitude.

Ministros da ordem, na busca diuturna do aperfeiçoamento e de padrões os mais próximos da perfeição, com as bases no presente, os ensinamentos do passado e a antevisão do futuro.

Dos exemplos de ontem, buscamos as ações de hoje. Nestas, moldamos o amanhã.

Exército bravo, coeso, nunca derrotado, sempre respeitado.

Exército forjado no patriotismo, onde os valores da Nacionalidade e da profissão sempre suplantaram, de maneira inequívoca, os próprios valores individuais.

Força complexa em suas missões, dinâmica em suas ações e onipresente no território.

Evoluem os tempos, complexos se tornam os artefatos e as máquinas. Mas o homem, e sobretudo o soldado, em sua expressão mais abrangente, permanece como a viga mestra das decisões, o cerne da inteligência, o primado da execução.

Quando nosso pensar se volta para o infinito, buscando Caxias, soldado-maior da Pátria, paramos em momentos de reflexão.

Nossa destinação é nobre, como nobre é a tarefa de dignificá-la.

Nosso papel é digno, como dignas são as ações que forjam o caráter e o valor dos homens.

Homens ciosos de sua honra, de suas glórias, de seu passado e de suas potencialidades.

Passado que é um amálgama de desambições, profissionalismo e servidão aos valores maiores da Pátria.

Pátria que nos norteia. Pátria que nos abriga. Pátria a qual nos obrigamos defender, ainda que a custo da própria existência.

Parafraseando o poeta, forçaremos coração, nervos, músculos, tudo. Daremos tudo o que neles ainda existe. Mesmo exaustos PERSISTIREMOS.

Somos SOLDADOS DO BRASIL.

O VERDE-OLIVA

Centro de Comunicação Social do Exército

Redação: CComSEx — QGEx — Bloco B — Térreo — SMU — BSB-DF — CEP 70630 — Tels.: 223-6730, 223-2859, 223-5709 e 225-0260, R/2256, 2569 e 2750

Distribuição: CComSEx e Estabelecimento Gen. Gustavo Corrêa de Farias — Tel.: 225-0260 R/2939 e 2938

Impressão: Gráfica Brasiliana — SIG — Q. 04 — Lote 283 - Tel.: 226-4828 - Brasília-DF

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Sumário

Editorial 01
Uniformes Históricos 03
7 de Setembro 05
Síntese Biográfica de Caxias 06
Testamento do Duque de Caxias 07
FEB — Artigo do Gen. Meira Mattos 08
Os Fortes Contando a História da Nossa História 09
Síntese Biográfica do Marechal José Pessoa ... 11
Palavras do Mal. José Pessoa aos ASP de 1949 12

IMÓVEL EM BRASÍLIA

Estamos implementando um novo estilo de prestação de serviços na administração de seu imóvel localizado em Brasília. Criamos um departamento para atender exclusivamente proprietários residentes fora de Brasília, prestando a qualquer momento informações, laudos de avaliação, assistência jurídica e tributária, prestações de contas e outros serviços relacionados a seu imóvel. Alguns serviços que oferecemos, regulados por contrato, são:

- **ALUGUEL GARANTIDO AO PROPRIETÁRIO;**
- **2 (DOIS) MESES DE ALUGUEL ANTECIPADO;**
- **VISTORIA BIMENSAL DO IMÓVEL, POR EQUIPE ESPECIALIZADA;**
- **ASSISTÊNCIA JURÍDICA E TRIBUTÁRIA GRATUITA;**
- **AVALIAÇÃO SEMESTRAL DO IMÓVEL.**

Entre em contato conosco pelos telefones (061) 225-4097 ou 226-5576, e cobrar em nossos escritórios, e venha ser nosso cliente.

GAMA
EMPREENDIMENTOS IMOBILIÁRIOS LTDA.
SCS - PALÁCIO DO COMÉRCIO - SOBRELOJA 13
TELS.: 226-2576/225-4097 - BRASÍLIA-DF

Com o transcoder Panavídeo, sua oficina tem a melhor transcodificação

Agora seus clientes terão a melhor transcodificação do momento, porque sua oficina vai dispor do novo lançamento Panavídeo. Com ele, qualquer videocassete VHS 1/2" poderá gravar e reproduzir pelo sistema PAL-M-Padrão (2H) e reproduzir NTSC em televisor comum. A conversão NTSC/PAL-M é perfeita também em todos os videocassetes portáteis. Você já pode imaginar quanto sua oficina pode lucrar com esta novidade. A Panavídeo faz questão de oferecer toda orientação para que você obtenha qualidade total em sua instalação. Faça como as melhores oficinas especializadas: entre no circuito. Peça informações ao fabricante e bons negócios.

PANAVIDEO
UMA EMPRESA TELESERVICE

SCRN 706/7 — Bloco D — Loja 6
Fone: (061) 274-3435 — CEP 70.740 — Brasília-DF

YELLOW BIRD

MAIOR SEGURANÇA

Sempre Prestando o Melhor Serviço

GUARDA-MÓVEIS
MUDANÇAS LOCAIS,
INTERESTADUAIS E INTERNACIONAIS
EMBALAGEM, ARMAZENAMENTO E IÇAMENTOS
SEGURO DE PORTA A PORTA
FROTA PRÓPRIA

QI-6 - LOTES 30/31
TAGUATINGA-DF.

FONES: 561-0338 - 561-1338

BOTAFOGO MUDANÇAS

Em qualquer lugar, sistema SRI

SEGURANÇA, RAPIDEZ E INTEGRIDADE

- **LOCAIS**
- **INTERESTADUAIS**
- **INTERNACIONAIS**
- **GUARDA-MÓVEIS**

Matriz: 233 3040
SIBC, TRECHO 2, CONJ. B - LOTE 4
BRASÍLIA - DISTRITO FEDERAL

Filial-RJ: 270 1929
Filial-SP: 524 3322

OS UNIFORMES DA NOSSA HISTÓRIA

NADA É MAIS REPRESENTATIVO DA SOBERANIA DE UMA NAÇÃO DO QUE UMA FORÇA ARMADA ORGANIZADA. O EXÉRCITO BRASILEIRO MARCOU PRESENÇA CONSTANTE NA HISTÓRICA CAMINHADA PARA A CONQUISTA DE NOSSA SOBERANIA.

AO ENSEJO DE SUA EDIÇÃO DE AGO/SET, O "VERDE-OLIVA" HOMENAGEIA O SOLDADO BRASILEIRO QUE, PELO SACRIFÍCIO ANÔNIMO NOS CAMPOS DE BATALHA, MANTEVE ACESA A CHAMA DA NACIONALIDADE ATRAVÉS DOS TEMPOS.

APRESENTAMOS, AQUI, UNIFORMES REPRESENTATIVOS DE ÉPOCAS DISTINTAS VIVIDAS PELO EXÉRCITO, QUE GERAÇÕES DE BRASILEIROS PORTARAM COM HONRA E ORGULHO.

CAMPANHA CONTRA OS HOLANDESES EMBRIÃO DO EXÉRCITO BRASILEIRO

REGIMENTO DE CAÇADORES HENRIQUES — Em 1629, quando Matias de Albuquerque chegou ao Recife, encontrou para defender a cidade somente 130 homens. A epopéia da Guerra Holandesa e das vitórias dos Guararapes, foi escrita por tropas na maioria brasileiras. "Como nessa campanha Henrique Dias se tivesse coberto de glórias à frente de seus Terços de pretos, durante mais ou menos dois séculos existiu no Exército do Brasil uma formosa tradição: Terços, e depois Regimentos, compostos unicamente de pretos e intitulados Henriques ou Caçadores Henriques". Na gravura, coronel e soldado do Regimento de Caçadores Henriques do Rio, em grande uniforme, com fardas brancas paramentadas de vermelho e metais amarelos. A tradição dos Caçadores Henriques durou, possivelmente, até o 1º Reinado.

UMA TRADIÇÃO DE LIBERDADE REAFIRMADA EM 300 ANOS DE SERVIÇO

ESQUADRÃO DE CAVALARIA DA GUARDA DOS VICE-REIS — A Ordem Régia de 31 de janeiro de 1765, determinou a criação, pelo Conde da Cunha, de um Esquadrão para a guarda dos Vice-Reis do Brasil. A unidade foi organizada segundo os moldes dos Esquadrões do Regimento de Dragões do Rio Grande. Com a denominação de "Esquadrão de Cavalaria Ligeira da Guarda do Ilustríssimo e Excelentíssimo Vice-Rei do Estado" subsistiu até o ano de 1808, quando foi transformado em 1º Regimento de Cavalaria. Este Regimento — "Dragões da Independência" — hoje está aquartelado em Brasília como uma das Unidades da Guarda Presidencial. Na gravura, oficiais e soldados do Esquadrão, em pequeno e grande uniformes.

400 ANOS DE HISTÓRIA ARTILHEIROS DO BRASIL

REGIMENTO DE ARTILHARIA DO RIO DE JANEIRO — Até 1736, as fortalezas que defendiam a barra do Rio de Janeiro eram guarnecidas pelos Terços de Infantaria e por soldados dos navios de guerra, com prática de artilharia. Nesse ano, em 16 de abril, foi criado o Corpo de Artilharia para guarnição dos referidos fortes. Em 1765, tomou a denominação de Regimento de Artilharia do Rio de Janeiro. Este Regimento é a origem da Artilharia de Costa do Exército Brasileiro. O herdeiro de suas tradições de mais de 230 anos é o 1º Grupo de Artilharia de Costa que guarnece a histórica Fortaleza de Santa Cruz.

NASCE UMA NAÇÃO — O VERDE E O AMARELO EM NOSSOS UNIFORMES

OFICIAL E SOLDADO DE CAÇADORES — A figura do oficial, em grande uniforme, mostra a farda dos Caçadores logo após a Independência. O soldado pertencia ao 1º Batalhão de Caçadores da Corte, criado em 1818 e mantido com o mesmo número pelo Imperador. A barretina é a que foi utilizada entre 1816 e 1823. Os canhões e golas são verdes. Esta cor foi a característica dos nossos Caçadores por longo tempo.

OS OFICIAIS GENERAIS DO IMPÉRIO DO BRASIL

O primeiro plano de uniformes para os oficiais generais do Exército Brasileiro é de 7 de outubro de 1823. Na gravura, da esquerda para a direita, os quatro primeiros estão em grande uniforme. Os dois últimos envergam o pequeno uniforme. A farda dos diferentes postos de oficial

general era idêntica, com diferença nos bordados. As folhas de carvalho estilizadas dos bordados dos generais portugueses, continuaram nos dos brasileiros. Os postos permaneceram os mesmos do Exército Português, desde 1762, e só foram alterados com a República.

A NOSSA INDEPENDÊNCIA

A nossa Independência foi forjada por fatores diversificados, sedimentados pelos propósitos comuns e ideais de liberdade que congregaram comunidades isoladas no vasto território da então Colônia. Consolidou-se, ao longo do tempo, forte sentimento de nacionalidade, que impediria a irreparável fragmentação, destino comum das possessões espanholas.

Nas encostas dos Guararapes, nasceram as raízes do nativismo na luta contra o estrangeiro invasor, ombreando-se filhos das diferentes raças que compõem a nossa etnia. Nos caminhos audaciosos das Bandeiras, que asseguraram a amplidão da base física, no antagonismo às soluções mercantilistas e aos objetivos imediatistas dos colonizadores, solidificou-se a consciência, cada vez mais nítida, de que surgia uma nova nação para os brasileiros.

Episódios como Mascates e Emboabas, evidenciaram a real dimensão do espírito nativista e ensejaram o amadurecimento da convicção nacional de que só a alforria política permitiria empreender a busca do destino maior sonhado pelos brasileiros.

O processo de emancipação atingiria o ápice na epopéia da Inconfidência Mineira. As aspirações republicanas da Revolução Pernambucana de 1817 já deixavam entrever a maturidade do nosso nacionalismo, lastreado por soluções políticas inspiradas na monarquia constitucional inglesa, no governo democrático francês e na república federativa americana.

Malgrado a severa vigilância do aparelho estatal da Metrópole, o ideal libertário, que já então empolgava a todos, tomou impulso irresistível com a chegada do Regente D. João à Bahia. Com a presença da Corte e a implantação de uma estrutura própria de nação independente, franqueava-se à Colônia o desenvolvimento industrial, alargavam-se as vias de circulação econômica e social, fortalecia-se o poder real e provia-se unidade ao Governo.

A partir da revolução constitucionalista portuguesa de 1820, acelerou-se o processo emancipador, já que ao então Reino-Unido não foi dado respirar a aragem liberal que começava a soprar na Europa.

D. João VI, forçado a retornar a Portugal e cônscio das pressões recolonizadoras patrocinadas pelas Cortes, visualizou a inevitável separação que se avizinhava. Instou o Príncipe D. Pedro a conduzir o despontar da nova nação.

Ao patriotismo, desprendimento e lúcido descortino das elites brasileiras deve-se o indispensável respaldo com que contou o novo Príncipe Regente do Brasil para evitar as cruentas dissenções internas e a desagregação que se abatera sobre todas as repúblicas vizinhas. Promoveu-se a ordenada formação de um governo de participação popular, sob a liderança do Príncipe, força aglutinadora naquele momento de incertezas.

Prenunciava-se o fim de uma longa jornada em busca da liberdade ao anunciar-se o ano de 1822, sob um clima fortemente emocional, causado pelas últimas tentativas de recolonização. A 9 de janeiro, com a opção do Regente pelo Brasil e o decidido apoio da população, define-se o rumo da História, constituindo-se o primeiro governo brasileiro.

Exige-se o "cumpra-se" do Príncipe às ordens de Lisboa. Proíbe-se que as forças portuguesas desembarquem em território nacional. Convoca-se uma Assembléia Nacional Constituinte. Organiza-se o Conselho de Procuradores das Províncias. Notificam-se as potências européias das mudanças em curso e o governo brasileiro nomeia representantes em Londres, Paris e Berlim. As províncias são conclamadas à união em torno do ideal maior da Pátria.

A 2 de setembro, reúne-se o Conselho de Estado ante intoleráveis exigências das Cortes Portuguesas. A 7 de setembro, D. Pedro toma a histórica decisão interpretando o sentimento do povo brasileiro:

"Laços fora, soldados! Independência ou Morte seja a nossa divisa; o verde e o amarelo para sempre as nossas cores nacionais".

ASSIM FEZ-SE A HISTÓRIA...

SÚMULA DA VIDA DE CAXIAS

1803 — Nascimento (25 de agosto).
1808 — Caxias assenta praça, como cadete, no 1º Regimento de Linha (22 de novembro).
1817 — Juramento à Bandeira (15 de agosto).
1818 — Caxias matricula-se na Academia Militar da Corte. Promovido a alferes, passa a servir no 1º Bil. de Fuzileiros da Corte.
1821 — Promovido a tenente (2 de janeiro) e nomeado ajudante do Batalhão do Imperador.
1822 — Independência do Brasil. Caxias recebe a primeira bandeira verde-amarela do Brasil independente (10 de novembro).
1823 — Caxias segue para a Bahia a fim de reunir-se ao exército libertador que luta pela Independência. Toma parte em vários combates. Retorna logo. Regresso ao Rio.
1824 — Promovido a capitão (22 de janeiro) e nomeado Cavaleiro da Ordem do Cruzeiro.
1825 — Partida para o Uruguai, (Campanha Cisplatina).
1826 — Participa do cerco de Montevidéu.
1827 — Caxias salienta-se em ações de guerra e é distinguido com o título de Comendador da Ordem de S. Bento de Aviz.
1828 — Regresso à Corte e promoção a major (Decreto de 2 de dezembro, com antigüidade de 12 de outubro).
1829 — Caxias é transferido para o Batalhão do Imperador (27 de março) e nomeado Cavaleiro da Ordem da Rosa (18 de outubro).
1831 — Caxias é aclamado 2º comandante do "batalhão de oficiais-soldados" (Batalhão Sagrado). Toma parte saliente na repressão de vários motins no Rio. D. Pedro I abdica (7 de abril). Caxias é nomeado para o Corpo de Guardas Municipais Permanentes.
1832 — Feijó na Regência. Caxias torna-se o seu braço direito e domina, entre outras rebeliões, a Abrilada (3 de abril).
1833 — Casamento de Caxias (6 de janeiro).
1834 a 1836 — No Rio. Inicia-se, no R.G. do Sul a Guerra dos Farrapos (1835).
1837 — No Rio. Promoção a tenente-coronel.
1839 — Caxias segue para o Rio G. do Sul, acompanhando o Ministro da Guerra (6 de março). De regresso, é promovido a coronel (2 de dezembro). Rebenta, no Maranhão, a Balaiada. Caxias é nomeado (12 de dezembro) comandante-chefe das forças incumbidas de dominar a rebelião. Ao mesmo tempo, é investido das funções de Presidente da Província Maranhense.
1840 — No Maranhão, em combate à Balaiada. Nomeado Vedor de S.M. Pedro II.
1841 — Caxias, dominada a insurreição e pacificada a Província, regressa à Corte (30 de junho). É promovido a brigadeiro e recebe o título de Barão de Caxias, aos 38 anos incompletos. É declarada a maioridade de Pedro II.

BARÃO

1842 — Enquanto no Sul perdura a guerra farroupilha, rebentam em S. Paulo e Minas, respectivamente, as rebeliões de Sorocaba e Barbacena. Caxias é nomeado comandante-chefe das forças governamentais. Segue para S. Paulo, dominando em um mês a sedição. Dirigindo-se em seguida para Minas, parte a marchas forçadas para Ouro Preto e derrota os rebeldes no combate de Santa Luzia. Regressa à Corte. É promovido a marechal-de-campo graduado (29 de agosto) e nomeado comandante-chefe do Exército em operações contra os Farrapos (24 de setembro). Segue para o Sul, investindo-se, também, das funções de Presidente da Província gaúcha.
1843 — No Sul, em operações contra os Farrapos.
1845 — Caxias pacifica o Rio Grande do Sul, encerrando a Guerra dos Farrapos. É efetivado no posto de marechal-de-campo, nomeado senador e distinguido com o título de Conde. Regressa ao Rio. Passa a exercer o cargo de comandante das Armas da Corte.

CONDE

1846 — Caxias toma posse da cadeira de senador pelo Rio Grande. Um dos senadores, nessa ocasião, é o seu pai, o Brigadeiro e ex Regente Francisco de Lima e Silva.
1847 a 1850 — No Senado e, quando este não funciona, no comando das Armas da Corte.
1851 — O Império decide opor-se às pretensões e desmandos de Oribe, (Uruguai) e Rosas (Argentina). Caxias é nomeado comandante-chefe do Exército brasileiro e Presidente da Província do Rio Grande (20 de junho). Segue para o Sul. Toma posse dos seus altos cargos em Porto Alegre (30 do mesmo mês). Dirige-se a Santana do Livramento, onde se concentram as forças brasileiras. Marcha a seguir à frente do Exército, rumo a Montevidéu (4 de setembro). Em caminho, tem notícia da paz em separado de Urquiza com Oribe. O Exército prossegue para a Colônia do Sacramento.
1852 — Caxias reconhece pessoalmente o porto de Buenos Aires (17 de janeiro). Trava-se a batalha de Monte Caseros (2 de fevereiro), que põe termo à tirania de Rosas. O Exército brasileiro retorna à Pátria. Caxias regressa à Corte. É promovido a tenente-general (3 de março) e elevado à dignidade de Marquês (26 de junho).

MARQUÊS

1853 — Caxias, doente, faz estação de águas em Caxambu. No regresso à Corte, falece seu pai, o Brigadeiro Lima e Silva.
1854 — No Rio, como senador.
1855 — O Marquês é nomeado Ministro da Guerra (14 de junho). Com o falecimento de Paraná, assume a Presidência do Conselho.
1856 — Na pasta da Guerra e na presidência do Conselho.
1857 — Em 3 de maio deixa o Ministério, voltando ao Senado.
1858 — Nomeado Conselheiro de Guerra.
1859 a 1861 — No Senado e nas funções de Conselheiro de Guerra.
1861 — Nomeado, pela segunda vez, Ministro da Guerra e Presidente do Conselho.
1862 — Em 24 de maio, exonera-se dos cargos. Falece seu filho Luiz (18 de junho). Em 2 de dezembro é nomeado marechal graduado.
1865 — Guerra do Paraguai. Assinado o Tratado da Tríplice Aliança (1º de maio). Caxias deixa de ser nomeado comandante-chefe do Exército Brasileiro... "para não prejudicar a política do Partido". O Marquês acompanha o Imperador ao Sul; assiste à rendição de Uruguaiana (18 de setembro) e ao final da Questão Christie (22 de setembro).
1866 — Rendição de Itapiru (abril). Tuiuti (24 de maio). Curuzu (agosto). Desastre de Curupaiti (setembro). Caxias é nomeado comandante-chefe das forças do Império em operações contra Lopez (10 de outubro). É efetivado no posto de marechal (12 de outubro). Em 29 do mesmo mês segue para o teatro de operações. A 18 de novembro chega ao acampamento de Tuiuti, assumindo o comando.
1867 — Caxias ocupa-se, no 1º semestre, de completar a reorganização do Exército. A 22 de julho dá ordem de marcha ao Exército. Inicia-se, a marcha de flanco de Taiz-Cuê. Seguem-se as vitórias da passagem forçada de Curupaiti (15 de agosto), combate e tomada de Pilar (20 de agosto), e segunda batalha de Tuiuti (3 de novembro).
1868 — O Marquês prossegue na ofensiva: Estabelecimento e passagem de Humaitá (25 de julho), rendição da guarnição de Humaitá (5 de agosto), ocupação do Novo Estabelecimento (19 de agosto), construção da estrada do Chaco (outubro a novembro), desembarque do Exército em Sº Antônio (5 de dezembro), Itororó (6 de dezembro), Avaí (11 de dezembro), Lomas Valentinas (21 a 27 de dezembro) e rendição de Angostura (30 de dezembro).
1869 — Caxias entra em Assunção (5 de janeiro). Por motivo de saúde, regressa ao Rio, onde chega no dia 15 de fevereiro.

DUQUE

1870 a 1872 — Recebe o título de Duque. No Senado e no Supremo Tribunal Militar de Justiça. É nomeado Conselheiro de Estado extraordinário.
1874 — Falece a Duquesa de Caxias. O Duque faz testamento.
1875 — Em junho, Caxias é chamado pelo Imperador para organizar Gabinete e assumir a Presidência do Conselho, ocupando a pasta da Guerra (3ª vez). Em setembro, Caxias consegue o Decreto de anistia aos Bispos, encerrando a Questão Religiosa. O Imperador parte para o estrangeiro, ficando a Princesa Isabel na Regência.
1876 — Na Presidência do Conselho.
1877 — D. Pedro II, regressando da Europa no fim do ano, demite o Gabinete Caxias, e entrega o poder a seus adversários políticos.
1878 — Em 5 de janeiro sobe ao poder o Gabinete Sinimbu (liberal). Caxias recolhe-se à Fazenda Santa Mônica.
1880 — Falecimento de Caxias (7 de maio). O corpo do valoroso Duque é conduzido para o Rio e enterrado no Cemitério do Catumbi (10 de maio).

O Testamento de Caxias

*O **TESTAMENTO** do Patrono do Exército constitui-se no perene testemunho da grandeza de uma vida. Probidade, elevação de sentimentos, simplicidade, desambição pessoal e dignidade, presentes no documento, compõem o elenco de insignes virtudes que demarcam a gloriosa caminhada de Caxias nos dias históricos do século XIX.*

"Em nome de Deus, Amém.

Eu, Luiz Alves de Lima, Duque de Caxias, achando-me com saúde e meu perfeito juízo, ordeno o meu testamento, da maneira seguinte: sou católico romano, tenho nesta fé vivido, e pretendo morrer. Sou natural do Rio de Janeiro, e batizado na freguesia de Inhomerim; filho legítimo do marechal Francisco de Lima e Silva, e de sua legítima mulher, d. Mariana Cândida Bello de Lima, já também falecida. Fui casado à face da Igreja, com a virtuosa dona Anna Luiza Carneiro Viana de Lima, Duquesa de Caxias, já falecida, de cujo matrimônio, restam-se duas filhas que são Luiza e Anna, as quais se acham casadas; a primeira com Francisco Nicolau Carneiro Nogueira da Gama, e a segunda, com Manoel Carneiro da Silva, as quais são as minhas legítimas herdeiras. Declaro que nomeio meus testamenteiros, em primeiro lugar, o meu genro Francisco Nicolau, em segundo o meu genro Manoel Carneiro, e em terceiro a meu irmão e amigo, o Visconde de Tocantins, e lhes rogo que aceitem esta testamentária, da qual só darão contas no fim de dois anos. Recomendo à estes que quero que o meu enterro seja feito sem pompa alguma, e só como irmão da Cruz dos Militares, no grau que ali tenho, dispensado o estado da Casa Imperial, que se acostuma a mandar aos que exercem o cargo que tenho. Não desejo, mesmo, que se façam convites para o meu enterro, porque os meus amigos, que me quiserem fazer este favor, não precisam dessa formalidade e muito menos consintam os meus filhos que eu seja embalsamado. Logo que eu falecer deve o meu testamento fazer saber ao Quartel General, e ao Ministro da Guerra, que dispenso as honras fúnebres que me pertencem como marechal do Exército, e que só desejo que me mandem seis soldados, escolhidos dos mais antigos, e de melhor conduta, dos corpos da guarnição, para pegar nas argolas do meu caixão, a cada um dos quais o meu testamenteiro, no fim do enterro, dará 30$000 de gratificação. Declaro que deixo ao meu criado, Luiz Alves quatrocentos mil réis e toda a roupa do meu uso. Deixo ao meu amigo e companheiro de trabalho, João de Souza da Fonseca Costa, como sinal de lembrança, todas as minhas armas, inclusive a espada com que comandei, seis vezes, em campanha, e o cavalo de minha montaria, arreado com os arreios melhores que tiver na ocasião de minha morte. Deixo à minha irmã, a Baronesa de Suruhy, as minhas condecorações de brilhantes da Ordem de Pedro I, como sinal de lembrança, e a meu irmão, o visconde de Tocantins, um candieiro de prata, que herdei de meu pai. Deixo o meu relógio de ouro com a competente corrente ao capitão Salustiano de Barros Albuquerque também como lembrança pela lealdade com que tem me servido como amanuense. Deixo à minha afilhada Anna Eulália de Noronha, casada com o capitão Noronha, dois contos de réis. Cumpridas estas disposições, que deverão sair de minha terça, tudo o mais que possuo será repartido com as minhas duas filhas Anna e Luiza, acima declaradas. E mais nada tendo a dispor, dou por findo o meu testamento, rogando às justiças do país, que o façam cumprir por ser esta a minha última vontade escrita por mim e assinada. Rio de Janeiro, 23 de abril de 1874. — Duque de Caxias".

A FEB, sua dimensão e glória

CARLOS DE MEIRA MATTOS

Acabamos de assistir às significativas comemorações realizadas em quase todo o globo lembrando o 40º aniversário do término da 2ª Guerra Mundial.

Na América Latina, somos o país que mais legítimos motivos teve para dar realce e brilho a estas comemorações, por duas razões principais: após cruenta luta armada que durou cerca de cinco anos, foi alcançada a paz com a vitória da causa das democracias; esta vitória militar contou com a participação — pequena na dimensão global, mas imensa na dimensão nacional — dos contingentes brasileiros integrados nas fileiras da Marinha de Guerra, Exército e Força Aérea.

Justamente nesta efeméride em que o Brasil se rejubila orgulhoso dos feitos de seus pracinhas, surge a propaganda e o lançamento de um livro que, a pretexto de fazer pesquisa histórica, apresenta sob ângulo diminutivo a atuação da FEB na Itália.

O livro de William Waack, correspondente do **Jornal do Brasil** em Londres, "As Duas Faces da Glória", e que teve seu lançamento precedido de um artigo-propaganda escrito pelo autor, publicado na 1ª página do Caderno Especial do **Jornal do Brasil** de 5 de maio último, traz encimando a matéria o seguinte subtítulo chamativo: "Pela primeira vez, no Brasil, publicam-se trabalhos sobre a participação da FEB na 2ª Guerra Mundial apoiados em fontes estrangeiras". Será que o autor não considera como autênticos e verdadeiros os livros do General Mark Clark, do General Willis Crittenberger, do General Vernon Walters, do historiador Professor Frank McCann, dos cientistas políticos professores Ronald Schneider, Jordan Young e William Perry, além de outros, todos publicados no Brasil, em nossa língua? Será que o autor ignora a existência da obra mais consolidada nos Estados Unidos sobre o assunto, encomendada pelo "Center of Military History", da coleção "US Army in World War Two", coordenada pelo historiador Ernest F. Fisher, sob o título "The Mediterranean Theater of Operations", 1977?

Perguntamos e aí fica a nossa dúvida, porque o autor procurou somente fontes fragmentárias e testemunhos de ilustres ancilos com a lembrança distante dos acontecimentos.

A FEB é um fato histórico acabado, concreto. Sua performance não deve ser extraída de uma observação episódica ou de um acontecimento isolado. Seu conceito é inseparável de um resultado. À FEB, mal comparando, é como o homem que passou para a história. Sua imagem é a de suas realizações e de seus resultados; as enfermidades, fraquezas e insucessos da infância ou da puberdade se apagam diante do vulto de sua obra.

Na pesquisa histórica e suas conclusões, é indispensável se ter a dimensão do objeto avaliado, para se não perder em juízos e comparações errôneas.

A dimensão da FEB, no quadro global das forças aliadas que participaram da 2ª Guerra Mundial, é pequena. Senão vejamos:

No último ano do conflito bélico, quando a FEB esteve presente no Teatro do Mediterrâneo, a composição das forças terrestres aliadas em operações na Europa era a seguinte. No Teatro do Mediterrâneo, onde operava o XV Grupo de Exércitos, sob o comando do inglês General Harold Alexander e depois Mark Clark, atuavam o equivalente a 23 divisões sendo 6 norte-americanas, 6 britânicas, 3 canadenses, 2 polonesas, 3 indianas, 1 sul-africana, 1 neo-zelandesa. Representava a 1ª Divisão de Infantaria da FEB, portanto, 1/23 dos efetivos combatentes no "front", ou sejam, pouco mais que 4% dos combatentes terrestres no Teatro do Mediterrâneo. No Teatro de Operações da Inglaterra e França, comandado pelo Supremo Comando da Força Expedicionária Aliada, General norte-americano Dwight Eisenhower, constituído pelas forças que invadiram a França pelo sul (desembarque nas proximidades de Toulon) e pelo norte (desembarque nas praias da Normandia), atuavam como força combatente terrestre um conjunto de 87 divisões, sendo 60 norte-americanas, 12 inglesas, 6 canadenses, 6 francesas e 3 coloniais (marroquinas, senegalesas e argelinas). Portanto, nos dois grandes teatros europeus referidos, combateram 110 divisões. Nossa participação combatente foi, portanto, de 1/110 dos efetivos terrestres, ou sejam, 0,9% (nove décimos por cento).

Tomamos como referência a divisão (de infantaria, motorizada ou blindada), unidade combatente, cujo efetivo medeia em cerca de 15.000 homens, por ser esta usualmente, em todos os exércitos, a referência-força dos efetivos combatentes terrestres. Além das divisões combatentes, as necessidades dos Teatros de Operações exigem uma grande organização administrativa e logística que ocupa um número de homens equivalente, em média, a 1/3 dos efetivos combatentes.

Como sabemos, a 2ª Guerra Mundial, além dos Teatros de Operações europeus de que tratamos, teve os Teatros do Pacífico onde o Comando em Chefe coube ao General Douglas MacArthur. Nossos dados referiram-se apenas às forças terrestres, mas sabemos que foi enorme a participação em pessoal e material das Marinhas e Forças Aéreas aliadas em todos os Teatros. Também nossa Marinha de Guerra e FAB tiveram, proporcionalmente, pequena mas honrosa presença.

Em termos de dimensão global, considerando-se apenas os teatros europeus, a presença da FEB representou em efetivos combatentes menos de 1/100 do conjunto de forças. Assim sendo, peca pelo absurdo desejar-se que a imagem da FEB entre as Forças Aliadas e alemãs tenha uma importante expressão de presença.

A FEB, cuja força combatente foi a 1ª Divisão de Infantaria com o efetivo de 16.000 homens (o restante de seu efetivo total na Itália, de 25.000 homens, constituiu-se em unidades de recompletamento dos quadros combatentes e organizações administrativas e logísticas) terá de ser comparada, em termos de feitos, de resultados, à sua equivalente, uma divisão de infantaria norte-americana, britânica, francesa, polonesa, indiana, sul-africana. Não se pode querer comparar os feitos da FEB com os da Força Expedicionária norte-americana, britânica, ou mesmo da França Livre que trouxe em seus efetivos, além das seis divisões francesas, três divisões coloniais (senegalesas, marroquinas e argelinas).

De divisão de infantaria para divisão de infantaria, a nossa teve as mais destacadas atuações. Chegamos tarde ao cenário da guerra. Fomos inseridos num Teatro de Operações onde combatiam norte-americanos, ingleses, canadenses, poloneses livres, sul-africanos, indianos, neozelandeses, todos veteranos. Tivemos de vencer as dificuldades inerentes à experiência bélica, ao meio estranho e aos rigores de um inverno que o Brasil desconhece. A tudo superamos com galhardia. Eis a nossa glória.

O confronto bélico, no Teatro do Mediterrâneo, no período em que atuou a Divisão da FEB, foi entre 28 divisões (25 alemãs e 3 italianas) comandadas pelo famoso General alemão Albert Kesselring e 23 divisões aliadas. A discussão se as divisões alemãs eram pior equipadas que as divisões aliadas não é polêmica que possa interessar ao nosso pracinha que morreu e cumpriu o seu dever.

Este punhado insignificante de pracinhas, sem tradição guerreira, lançado em meio estranho, comandado pelo General Mascarenhas de Moraes, cujos méritos nunca foram suficientemente realçados, alcançou resultados extraordinários para uma divisão de infantaria combatente que carregava nos ombros a responsabilidade de, sozinha, representar o Exército Brasileiro.

Os feitos da FEB podem ser resumidos em fatos e números indiscutíveis. Assim os resumiríamos:

"No período de um ano no Teatro de Operações do Mediterrâneo, a FEB, com um efetivo total de pouco mais de 25.000 homens e um efetivo combatente de 15.000 homens (uma divisão apenas entre as 110 aliadas que lutavam na mesma época na Europa), combateu continuamente sem ser retirada da frente por um só dia, durante 239 dias; teve 2.000 baixas de combate das quais 451 mortos; enfrentou sucessiva e alternadamente dez divisões alemãs e três divisões italianas; fez 20.500 prisioneiros em combate, entre os quais, dois Generais, um alemão e outro italiano."

Este o feito, esta a glória inquestionável da FEB. Semelhante foram a de nossa Marinha e FAB. Nenhuma observação episódica e fragmentária poderá diminuí-la.

OS FORTES CONTAM A HISTÓRIA DA NOSSA HISTÓRIA

FORTE DE COIMBRA

1775 — Por ordem do Governador de Mato Grosso, Luiz Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, o Capitão Matias Ribeiro da Costa deu início à construção de uma fortificação à margem direita do Rio Paraguai, no local denominado Estreito de São Francisco Xavier.

Em sua estrutura primitiva de madeira e terra, coberto de palha, o então Presídio de Nova Coimbra assentava seus quatro baluartes: S. Gonçalo (norte), S. Tiago (leste), N.S. da Conceição (oeste) e Santana (sul).

1795 — Alvo de devastador incêndio, o forte começa a ser reconstruído em alvenaria pelo TCelEng Ricardo Franco de Almeida Serra. Modificações diversas foram introduzidas, particularmente de ordem técnica.

As peças, que viriam a compor sua artilharia, descem de Belém via fluvial, palmilhando o curso dos rios Amazonas, Madeira, Guaporé e Paraguai.

1801 — 16 de setembro. Uma plêiade de bravos demonstra todo seu heroísmo. São apenas 42 homens, componentes da guarnição, resistindo ao assédio de mais de 500 paraguaios.

Os combates estendem-se até 4 de outubro, com a retirada das forças invasoras, atônitas com tão tenaz resistência.

1864 — A 27 de dezembro, forças de ocupação paraguaias, sob o comando de Barrios, intimam a rendição do TCel Hermenegildo de Albuquerque Porto Carreiro. Eram 3200 homens, 39 peças de artilharia de bordo e 12 peças de artilharia de campanha contra 156 homens e 5 canhões.

Os 12000 tiros existentes tendem a se esgotar em pouco tempo.

Num esforço gigantesco e durante uma madrugada, comandadas por Da. Ludovina, esposa do comandante, 70 mulheres de oficiais e praças encartucham mais 6000 tiros. Atenuava, mas não resolveria.

A relação de forças era por demais desigual, mas a resistência continuava. Entendia-se que o abandono do forte seria questão de horas.

Os atacantes não pressentem que, a 29 de dezembro, a guarnição abandona as instalações e retrai, levando consigo material, arquivos e todo efetivo, sem mortos ou feridos graves.

Dos combates restaram as muralhas destroçadas e danos de grande monta.

1868 — Acossado no sul pela ofensiva de Caxias, Solano Lopes ordena a retirada das forças de ocupação do Mato Grosso. O forte é abandonado pelos paraguaios.

1872/1907/1908 — Diversas obras de ampliação e melhoramentos são executados. Reforçaram-se suas defesas com peças de artilharia naval.

Nos dias de hoje, o forte é guarnecido pela 1ª/6º GACos, aquartelada em construções mais recentes e próximas à velha fortaleza. Nas antigas muralhas de pedra, ainda intactas, permanecem vivas as epopéias do passado.

FORTE DE N. S. DOS REMÉDIOS

O Forte de Nossa Senhora dos Remédios, levantado em séculos pretéritos no Território de Fernando de Noronha, relembra acontecimentos do passado brasileiro.

Em 1628, o arquipélago foi ocupado pelos holandeses. Matias de Albuquerque mandou expulsá-los, mas depois retornaram. Os flamengos mandaram fortificá-lo desde a primeira ocupação. Data daí, possivelmente em 1629, o reduto que daria origem ao Forte.

Com a expulsão dos batavos de Pernambuco, em 1654, houve descaso quanto à defesa do arquipélago. Foi preciso que os franceses da Companhia das Índias lá se fixassem para cuidar-se de sua proteção. Em 1737, uma expedição enviada pelo Governador de Pernambuco consegue expulsar os franceses.

No mesmo ano, aproveitaram-se os expedicionários do local do velho forte holandês, que protegia a enseada de Santo Antônio, e construíram o atual Forte Nossa Senhora dos Remédios. Foi encarregado da execução da obra o engenheiro Diogo da Silveira, remontando essa construção ao período de 1737 a 1738. Informa um historiador que a fortificação "está situada ao norte da ilha, sobre um rochedo que se eleva 45m acima do nível do mar, para o qual dá acesso uma estrada calçada, em direção oblíqua sul a sudoeste, com 51m de comprimento sobre 3,50m de largura, único ponto por onde pode ser demandada".

Deram-lhe forma de um polígono estrelado de 12 ângulos: 2 agudos e 10 obtusos, e o guarneceram com 6 peças. Mais tarde a fortaleza foi artilhada com peças de ferro.

O Forte sofreu melhorias no século XVIII e, no século XIX, novas ampliações foram realizadas.

Mas o tempo se encarregou de transformá-lo em objeto do passado. Dele restam, hoje, recordações.

As suas ruínas representam um patrimônio histórico, verdadeiro monumento nacional, atestando uma época plena de episódios que enriquecem a nossa História.

FORTE PRÍNCIPE DA BEIRA

Diante da necessidade de conter a ocupação da margem direita do Rio Guaporé por espanhóis, que desde 1743 vinham implantando alguns povoados, Antonio Rolim de Moura Tavares, nomeado Governador de Mato Grosso em 1748, recebeu instruções da metrópole para manter, a ferro e fogo, a posse daquela área.

Destruídos aqueles estabelecimentos espanhóis, Rolim de Moura ergueu no local de um deles um fortim, cercado por paliçada, que recebeu o nome de N.S. da Conceição.

Inconformados com a ocupação portuguesa na região, os espanhóis passaram a atacar o fortim que resistiu anos a fio. Decidiu, então a metrópole erguer uma nova fortificação, em "pedra e Cal", assentada em local mais elevado, a salvo das constantes enchentes do Guaporé.

Coube ao novo Governador da Província, Dom Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, a iniciativa de construir, a dois quilômetros do Forte N.S. da Conceição, a Fortaleza batizado com o nome de Príncipe da Beira.

Homenageava-se, assim, o segundo herdeiro na linha de sucessão ao trono português, que ostentava aquele título.

As obras foram iniciadas em novembro de 1775, lançando-se a pedra fundamental em junho do ano seguinte.

A construção obedecia aos preceitos da arquitetura militar da época, em conformidade com sistema preconizado pelo engenheiro militar francês, Sebastien le Preste de Vauban.

O forte compreendia um espaço quadrangular com muralhas de 10 metros de altura e quatro baluartes armados cada um, com 14 canhoneiras e consagrados a N.S. da Conceição, Santa Bárbara, S. Antonio de Pádua e S. José Avelino.

As obras foram dadas como concluídas em agosto de 1783.

Consolidada a presença portuguesa na região o forte parece perder a importância, o que explica o vazio de informações históricas a partir do final do século XVIII.

Abandonado, completamente invadido pelo mato, as paredes ruindo, foi assim que o Marechal Rondon descobriu o Forte, em 1914. Em 1930, o Exército ali instalou o contingente especial de fronteira do Forte Príncipe da Beira, que em 1954 teve sua designação mudada para 7º Pelotão de Fronteira. Em 1977, passou a chamar 3º Pelotão Especial de Fronteira, subordinado ao 6º Batalhão Especial de Fronteira.

Durante todo esse período, o Exército se empenhou em preservar o Forte tombado pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 7 de agosto de 1950.

(Extrato da documentação editada pela Fundação Pró-Memória/Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional — MarAbr 83)

FORTALEZA DE SANTA CRUZ

Criada em 1555, por Villegaignon, aproveitou uma pequena fortificação existente na base de granito, que serviu de abrigo à Bateria N. S. da Guia, durante a luta pela expulsão dos franceses. A Fortaleza de Santa Cruz é considerada por todos que a visitam um "poema à beira mar".

Depois de reformada, em 1567, a fortificação usou pela primeira vez, em 1599, seus poderosos canhões, impedindo, sob intenso bombardeio, que o pirata holandês Oliver Van Noort entrasse em águas da Guanabara. A ação de fogo e heroísmo comprovou o acerto do local escolhido para sua construção.

Em 1710, após um período de paz, a Fortaleza de Santa Cruz impediu, sob o fogo dos canhões, que entrasse na Baía de Guanabara a esquadra de Duclerc, corsário francês, que avançava sobre o Rio de Janeiro, comandando mais de 1000 homens fortemente armados.

Em 1711, verificando a importância das fortificações na entrada da barra, o Reino mandou carta ao governador, ordenando fechar dia e noite a Baía de Guanabara, com uma grossa corrente presa em dois argolões, um na Fortaleza de Santa Cruz e outro no Forte de São João.

Em agosto do mesmo ano, Duguay-Trouin chega à Baía de Guanabara à frente de poderosa esquadra. A Fortaleza aciona suas baterias e inflige aos invasores uma perda de 80 homens, põe 220 fora de combate. Os franceses logram invadir e tomaram a fortificação, com 17 navios, 750 canhões e mais de 6000 homens.

Com a derrota, em conseqüência da invasão do Rio de Janeiro, reorganiza-se a Fortaleza de Santa Cruz.

Tudo ali é história. O local da forca até hoje é conservado e, ao lado do paredão de fuzilamento, pinga uma água morna e misteriosa que ninguém sabe explicar de onde vem.

Até 1870, a Fortaleza de Santa Cruz já tinha 41 casamatas na rocha viva, em dois andares, com canhões apontados para o mar.

Em 1902, foram instalados os canhões Krupp, de 150 mm, que lá permanecem até os dias de hoje.

Em 1917, foi organizado o Grupo de Artilharia de Costa, que guarneceu a fortaleza até 1968 e teve a responsabilidade de vigiar a costa brasileira durante a 1ª Guerra Mundial.

Na atualidade, suas instalações são ocupadas pelo 8º Grupo de Artilharia de Costa Motorizada que, além de suas missões como Unidade da Força Terrestre, preserva a história, conserva e dignifica as tradições da FORTALEZA DE SANTA CRUZ.

(Extrato de artigo publicado pelo jornal "Última Hora" de 30 Set 71)

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO MARECHAL JOSÉ PESSOA

Síntese Biográfica

1885 — (12 de setembro) — Nasceu na cidade paraibana de Cabaceiras, José Pessôa Cavalcante de Albuquerque.
1902 — Prestou exame de suficência para a Escola Preparatória e Prática de Realengo.
1903 — (18 de março) — Ingressou na Escola Preparatória e Prática de Realengo.
1906 — Foi transferido para a recém-criada Escola de Guerra de Porto Alegre, onde completou o curso.
1909 — (2 de janeiro) — Concluiu o Curso de Cavalaria e Infantaria, sendo promovido a Alferes de Infantaria.
1911 — Ainda Alferes, tomou parte na expedição que combateu Antonio Silvino no interior da Paraíba.
1913 — (26 de fevereiro) — Promoção a 2º Tenente, ainda na Arma de Infantaria.
1913 — (2 de abril) — Transferência definitiva da arma de Infantaria para a da Cavalaria, de acordo com prescrições em vigor.
1916 — Como 2º Tenente, desempenhou as funções de Instrutor Militar na Faculdade de Direito de São Paulo.
1916 — Estagiário na Academia Militar de Saint-Cyr, na França, quando o Brasil declarou guerra aos Impérios Centrais.
Estagiário no Centro de Estudos de Carros de Combate de Versailles.
1917 — Autorizado, arregimentou-se no 503º Regimento de Cavalaria — 4º Dragões Franceses.
1918 — (29 de maio) — Promoção a 1º Tenente.
(3 de setembro a 26 de dezembro) — Participação na Campanha de Flandres, em campos de batalha da França e da Bélgica.

1919 — (8 de janeiro) — Promovido a Capitão, por atos de bravura na 1ª Guerra Mundial.
1920 — José Pessôa lança seu livro "O Tank na Guerra Européia", prefaciado pelo General Maurice Gamelin, Chefe da Missão Militar Francesa.
— Como Ajudante de Ordens em missão especial, viajou para a Bélgica, onde se apresentou ao Rei Alberto e à Rainha Elisabeth, para acompanhá-los e ao Príncipe, em sua viagem ao Brasil.
1921 — Participou da Comissão Aché, de compra de material bélico na Europa, contribuindo com seu conhecimento técnico para a compra dos primeiros carros de combate a entrarem na América Latina.
1922 — Criação da Companhia de Carros de Assalto, na Vila Militar, sob o comando do Cap. José Pessôa.
No Comando da Companhia de Carros de Assalto, o Cap. José Pessôa, participou do esforço para debelar a revolução desencadeada a 5 de julho no Rio de Janeiro e em Mato Grosso.
1923 — (11 de maio) — Promovido a Major por merecimento.
1924 — Fiscal Administrativo da Escola Militar do Realengo.
1927 — (18 de agosto) — Promoção a Tenente-Coronel, por merecimento, no comando interino dos Dragões da Independência.
— (11 de novembro) — Casamento com D.ª Blanche Mary Edward Pessôa Cavalcante de Albuquerque, jovem inglesa que conhecera na França, durante a campanha de 1914/1918.
1929 — Realizou o Curso da Escola de Cavalaria.
1930 — Nomeado para o Comando do Corpo de Bombeiros da Capital Federal.
1930 — (24 de outubro) — Eclodiu a Revolução Liberal. O Coronel José Pessôa se destacou no cumprimento de missões emanadas da Junta Militar constituída na Capital Federal. Por determinação do Marechal Malan d'Angrogne assumiu o Comando do 3º Regimento de Infantaria, sediado no antigo prédio da Escola Militar da Praia Vermelha. Enquadrando civis voluntários e militares do Batalhão, investiu contra o Palácio Guanabara, sede do governo, cercando-o e ocupando-o. Desempenhou-se com firmeza e tato, contribuindo para que o movimento chegasse ao fim, no Rio, sem derramamento desnecessário de sangue.
1930 — (Outubro) — Nomeado para o Comando da Escola Militar do Realengo.
1931 — (15 de janeiro) — O Coronel José Pessôa assumiu o comando da Escola Militar do Realengo.
— (30 de julho) — Aprovação do plano de uniformes para a Escola Militar apresentado pelo Coronel José Pessôa.
1933 — (3 de agosto) — Promoção a General, ainda no comando da Escola Militar do Realengo.
1935 — (27 de novembro) — Intentona Comunista — No Comando da Artilharia de Costa, o General José Pessôa cooperou com a 1ª Divisão de Infantaria no cerco às forças rebeldes no 3º Regimento de Infantaria, na Praia Vermelha, atacando-as pelos flancos e pela retaguarda.
1938 — (10 de junho) — É convidado para participar da construção da nova Academia em Resende-RJ, oferecendo seu apoio à Comissão de Construção.
1943 — Inspetor da Arma de Cavalaria.
1945 — (15 de dezembro) — Na Presidência do Clube Militar, o General José Pessôa homenageou o Marechal João Baptista Mascarenhas de Morais, na 1ª manifestação gratulatória à vitória da FEB realizada no Brasil.
1947 — Comandante da Zona Militar Sul.
1949 — (12 de setembro) — O Marechal José Pessôa passou à Reserva.
1954 — O Presidente Café Filho convidou o Marechal para presidir a Comissão de Localização e Planejamento da Nova Capital do Brasil.
1959 — O Marechal publica "Nova Metrópole do Brasil", um dos mais importantes documentos sobre o planejamento da nova Capital Brasileira.
— (16 de agosto) — Falecimento do Marechal José Pessôa Cavalcante de Albuquerque.

SAUDAÇÃO AOS ASPIRANTES-A-OFICIAL DE 1949 (TURMA GEN. JOSÉ PESSOA)

MEUS JOVENS ASPIRANTES!

Com redobrada confiança nas novas gerações, volto ao aconchego da Escola da Mocidade, que irradia alegria e excita o amor à Pátria, para apresentar as minhas despedidas e formular os votos de felicidade aos queridos paraninfados. No Tribunal de julgamento da História registram-se, ora gerações benfazejas, de espírito construtor, ora gerações maléficas, ora ainda as que, pelas suas qualidades, constituem radiosa esperança. Entre as primeiras, podemos situar, como exemplo, os heróis da epopéia bandeirante, desbravadores que operaram o reconhecimento e a penetração do nosso "hinterland", os fundadores da nacionalidade — Raposo, Fernão Dias, Bartholomeu Bueno, Borba Gato, Cabral Leme e tantos outros sertanistas que, durante cerca de dois séculos, descendo os rios que conduzem ao interior ou embrenhando-se pelo mato a dentro à caça do índio ou à conquista do ouro e das pedras preciosas, abriram caminho pelas asperezas dos sertões desconhecidos e, do movimento de espansão geográfica, fizeram recuar o meridiano de Tordesilhas, dilatando as fronteiras e triplicando a área territorial do Brasil. Quem contemplar hoje o mapa do Brasil, com seus contornos caprichosos e sua linha de fronteiras, fixada de maneira definitiva, poderá avaliar o grande esforço e a pertinácia da plêiade de estadistas, militares e diplomatas que, durante séculos, escreveram os tratados e desenharam com todos os seus detalhes a carta que serve de roteiro à nossa grandeza.

.....

Meus camaradas: Não tenhamos dúvidas de que estamos diante de um novo conflito ideológico entre duas mentalidades opostas, o que poderá resultar numa 3ª Guerra Mundial. O Brasil precisa despertar e agir com previdência: as suas fronteiras necessitam, com urgência, de meios de defesa e o Exército, de reformas fundamentais, pois, apesar dos grandes dispêndios e modificações militares operadas nesses últimos anos, isso não foi bastante para concretizar os problemas fundamentais da defesa nacional. É fato que o perigo da guerra diminuiu recentemente; contudo, os chefes dos Estados-Maiores das nações signatárias do Pacto do Atlântico já receberam e estudam as suas missões em torno do plano conjunto da defesa da Europa Ocidental. No nosso Continente, os 150 milhões de latino-americanos, que, da vez passada, sofreram as conseqüências do bloqueio e estiveram às portas da invasão, se quiserem ter o direito de opinar sobre a sua vida e o seu futuro, devem, desde já, organizar a defesa comum, de acordo com a segurança das Américas. A força está na União. No caso particular do nosso país, a nossa riqueza de matérias-primas básicas nada nos ajudará se formos pobres de armas para nos defender. Hoje, o nosso Exército é a mocidade viril toda inteira. Não há só este chefe, este corpo de oficiais: são todos os brasileiros irmanados, prontos a defender a Pátria e dar a sua inteligência e o seu sangue pela sua sobrevivência. Nada de militarismo latente, de sombra de sabre a se projetar ameaçadoramente sobre a nação; todos confiam na energia invencível da gente moça e a vossa turma, certamente, conduzirá o Exército ao pináculo dos seus destinos e da sua glória e deverá se inspirar na conduta dos nossos chefes do passado, nas suas lições e nos seus exemplos, pois foi sob a proteção tutelar daquela legião de grandes chefes do Exército do segundo Império, a começar pelo maior de todos — o Duque de Caxias — e seguindo-se com os legendários Osório, Porto Alegre, Câmara e outros, que salvamos a nossa unidade e o nosso destino. Aqueles valentes e inolvidáveis soldados, que palpitam imortais na consagração de nosso povo, cidadãos que tinham no coração o sentimento das nobres ações e o amor apaixonado ao país, todos deram suas energias e seu sangue pela defesa e o bem-estar da coletividade brasileira e encheram de exemplos fulgurantes as páginas da história política e militar da nossa Pátria. Daí, serem apontados como padrão de honradez e civismo. Eles não tinham outra paixão na vida, senão a de servir a Pátria, dizer a verdade e praticar a Justiça; por isso, foram grandes, venerados e respeitados por todos. Não me furto ainda em vos relembrar a sublime apoteose da conduta dos generais da Farroupilha, quando, lutando quase dez anos por um ideal de liberdade, cobertos de louros em réfregas memoráveis, expontaneamente depuseram as armas e concertaram a paz numa união sagrada entre brasileiros, dizendo ao estrangeiro, que espreitava e ameaçava os nossos confins: "O primeiro soldado de vossas tropas que atravessar a fronteira fornecerá o sangue com que será assinada a paz de Piratini com os imperiais". E assim sucedeu... Ao Exército, estas lições e esses exemplos não podem ser esquecidos e devem ser relembrados aos moços como palavras de aviso e de um sagrado testamento que deverá estar sempre vivo no coração e na memória para "servir à juventude como um incitador de bravuras, quando a Pátria em orgulho, e como um estimulador de brios, quando a Pátria em desalento". A vós, que sonhais vencer o inimigo, tornar mais brilhantes os feitos dos nossos antepassados, pensar constantemente no Brasil, cabe escolher hora e meios de assegurar-lhe o triunfo, se quiserdes ver a vossa geração também acatada e coberta com as bênçãos dos nossos compatriotas, pois só assim mantereis o brilho da vossa espada, a honra da vossa farda, as glórias da nossa "Bandeira". Agora, com a vossa mocidade idealista e cheia de desprendimentos, sentindo bater no peito os corações ardentes, parti para vossas guarnições, para vossas casernas, percorrendo os reluzentes itinerários de marcha dos nossos ancestrais, levando o espírito encorajado pela fé nos destinos da Pátria. Meus jovens irmãos: sede fiel ao vosso ideal e ide para a glória.

JOSÉ PESSÔA CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE
General de Exército

Taurus

Uma história voltada para o crescimento.

A pequena oficina mecânica, que em 1937 se lançava em Porto Alegre com o objetivo de fabricar revólveres, logo se transformou em Forjas Taurus Ltda., iniciando uma trajetória de conquistas.

A partir de 1977, seu crescimento não respeitou fronteiras. Novas filosofias administrativas e operacionais foram implantadas.

Em 82 foi aberto o capital social da Taurus com excelente desempenho das ações no mercado.

Em 83, seguindo uma linha de diversificação, a Taurus Blindagens é implantada. Começa também a fabricação de armas de pressão, munição para as mesmas

e a comercialização de molinetes e carretilhas, fabricados por terceiros, com a marca Taurus.

Investir na diversificação foi um passo decisivo para a Taurus, hoje, se transformar num Complexo Empresarial que produz os mais diversos tipos de produtos. Todos eles a partir de tecnologia própria, desenvolvida dentro da empresa. Além das tradicionais e já consagradas armas civis e militares, a Taurus atualmente fabrica artigos de couro, ferramentas manuais, carabinas de pressão, chumbos Diabolo, capacetes para motociclistas, coletes à prova de bala, blindagens para helicópteros e carros de combate e ainda comercializa

carretilhas, molinetes e armas de pressão.

A partir da implantação em Miami, USA, da Taurus International Manufacturing, a empresa conseguiu se colocar numa posição privilegiada para disputar o mercado americano. Esta atitude é um exemplo da importância que a Taurus dá ao mercado externo.

Pois sua marca, através das exportações para mais de

60 países, adquiriu uma posição de destaque internacional.

Esta conquista é o resultado de uma determinação para o crescimento. De uma história voltada para o desenvolvimento. A realização de um sonho projetado em 1937 e que teve respaldo na visão de

homens empreendedores, moldados a partir do trabalho e da visão empresarial.

Hoje, Taurus é a marca de um Complexo Empresarial.

TAURUS BRASIL

TAURUS®

Marca de qualidade.

Forjas Taurus S.A. • Taurus S.A. Armas Militares e Civis • Taurus Ferramentas
Taurus International Manufacturing Inc. • Taurus Blindagens Ltda.

"A Amazônia integrada e desenvolvida poderá constituir o derradeiro pilar da nacionalidade, capaz de propiciar a realização do projeto, fervorosamente acalentado por todos, de um BRASIL-grande".

Gen Ex LEONIDAS PIRES GONÇALVES
Ministro do Exército

A Fundação Habitacional do Exército (FHE), entidade vinculada ao Ministério do Exército e de caráter eminentemente social, que se propõe a promover a casa própria para o pessoal militar e civil da área desse Ministério, solidária com esse pensamento do Sr. Ministro, dele participa, de forma positiva e concreta, através da implantação de um amplo programa de construção de moradia, na área da **Amazônia.**

Em convênio com o **Departamento de Engenharia de Comunicações** (DEC) e com intermediação dos Grupamentos de Engenharia de Construção (Gpt E Cnst), das Comissões Regionais de Obras (CRO) e dos Batalhões de Engenharia de Construção (B E Cnst), a Fundação se propõe a construir, naquele rincão, da ordem de 800 Unidades Habitacionais (UH), proporcionando aos associados da POUPEX de menor renda, o acesso a uma moradia condizente e adequada às condições de vida que a natureza impõe para aquela região.

Movida, primordialmente, pela satisfação natural do Homem, qual seja a de fixar-se à terra, aliada à necessidade de ocupação dos grandes espaços vazios, vem a FHE ao encontro dos que ali fazem a grandeza do **seu Exército**, para lhes oferecer a tranqüilidade que necessitam e para que possa bem cumprir a sua destinação histórica de perene guardião da Pátria.

SEGURANÇA — RENTABILIDADE — LIQUIDEZ

FUNDAÇÃO HABITACIONAL DO EXÉRCITO

POUPEX

ASSOCIAÇÃO DE POUPANÇA E EMPRÉSTIMO